



PSICANÁLISE

Jean-Claude Rolland

Antes de ser aquele que fala

Blucher

ANTES DE SER AQUELE QUE FALA

Jean-Claude Rolland

Tradução

Paulo Sérgio de Souza Jr.

Revisão técnica

Ana Maria Andrade de Azevedo

Título original em francês: *Avant d'être celui qui parle*

© Jean-Claude Rolland, Editions Gallimard, Paris, 2006

© Editora Edgard Blücher Ltda. 2017

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil
Tel.: 55 11 3078-5366
contato@blucher.com.br
www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico,
conforme 5. ed. do *Vocabulário
Ortográfico da Língua Portuguesa*,
Academia Brasileira de Letras, março
de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial
por quaisquer meios sem autorização
escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela
Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Rolland, Jean-Claude

Antes de ser aquele que fala / Jean-Claude
Rolland ; tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. ;
revisão técnica de Ana Maria Andrade de
Azevedo. – São Paulo : Blucher, 2017.

176 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-1219-5

Título original: *Avant d'être celui qui parle*

I. Psicanálise 2. Psicolinguística I. Título. II.
Souza Jr., Paulo Sérgio de. III. Azevedo, Ana
Maria Andrade de.

17-0857

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:
I. Psicanálise

Conteúdo

I

Linguagem

- | | |
|--|----|
| 1. A fala e seus destinos | 15 |
| 2. Encantos da analogia | 33 |
| 3. A lei de Lavoisier se aplica à matéria psíquica | 57 |
| 4. Perder o que se ama, amar o que se perdeu | 75 |

II

Imagem

- | | |
|--------------------------------|-----|
| 5. Falar, renunciar | 95 |
| 6. <i>Alter ego</i> | 115 |
| 7. O feitiço da imagem | 139 |
| 8. Suficiência da obra de arte | 161 |

1. A fala e seus destinos

Dos movimentos emocionais que a depressão acarreta, alguns são familiares ao clínico: a dor ligada à perda; a atonia resultante da identificação melancólica do eu ao objeto; o ódio; até mesmo a raiva em que se esgota o conflito pulsional entre vida e morte. Não é o caso da desesperança que sempre afeta, sutil ou maciçamente, a vivência do deprimido. Essa desesperança parece ligada, especificamente, aos obstáculos que o deprimido encontra em sua fala ao querer enunciar as razões da sua infelicidade: as palavras lhe faltam. Esse silêncio que o assola é, de fato, um mutismo: face às representações que absorvem sua visão interior, o deprimido parece ter destituído a sua língua. A desesperança é a perda da fala. É o que Hölderlin escreve num poema intitulado *A primavera*:

*O homem, que sempre inquire o seu interior,
Fala então da vida, de onde a linguagem flui,
Quando o desgosto não lhe corrói a alma...¹*

1 “*Der Mensch, der oft sein Inneres gefragt / Spricht von dem Leben dann, aus dem die Rede gehet, / Wenn nicht der Gram an einer Seele naget...*”. [Tradução de I. A. da Silva, “Canções da primavera: *Welt e Umwelt* na (derradeira) poética de Hölderlin”. In M. A. de Castro (Org.). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004, p. 285. [N.T.]]

A esperança nasce e renasce com a liberdade dada à enunciação. Lampejo do dizer, graças ao qual a coisa enfim se revela – “palha no celeiro”, “pedregulho no buraco”. Suspensão da insignificância.

Por vezes, a análise e a psicoterapia operam, ambas, esse milagre. Quando um tratamento está instalado, quando o paciente habita as suas regras, observa-se que se produz – aqui ou acolá, no decorrer de uma sessão, na descontinuidade do discurso – repetições de uma mesma palavra, de uma mesma imagem, de um mesmo tema ou de uma mesma ideia que, entre si, encontram analogia.

Esse homem procurou análise porque estava “mal” fazia tempo. Tinha se divorciado em circunstâncias mantidas obscuras; tinha largado um emprego prestigioso para viver de atividades intermitentes e sustentar seus filhos. Dessocializou-se sem alarde. Permaneceu assim evasivo por muito tempo, testemunhando a partir dessa “melancolia branca” que ele não tinha interesse nem por si mesmo nem pelo mundo. Até o dia em que percebeu a dimensão do horror em que a morte de um filho bem jovem o havia mergulhado. Mas, por muito tempo ainda, ele não o admite, opondo incredulidade e ironia ao trabalho que conduzíamos. Decerto, ele pôde reconhecer que, detrás desse trauma “atual”, perfilavam-se outros, que pertenciam a uma infância mimada materialmente, mas atravessada por experiências dolorosas, agônicas, em relação ao seu lugar entre numerosos irmãos e ao desamparo de uma mãe exausta.

O tratamento interrompeu-se uma dezena de dias para as férias. Ao retornar, comunicou, pela primeira vez, dois sonhos que, segundo ele, o haviam marcado. Em um, ele está na companhia de duas mulheres, sua ex-mulher

e sua atual namorada; no outro, duas policiais ameaçam tirar o último ponto da sua carteira de motorista. Assinalo, então, a recorrência de “duas mulheres” presente nos dois sonhos. Ele se lembra de quem é uma delas: uma amiga do casal, que fora testemunha da morte do filho e os acompanhou em seu luto. É então tomado por uma intensa emoção, rememora longamente esse acontecimento e conclui: “O senhor tem razão; sem dúvida, sou assombrado pela morte”. Eu digo: “Será que, no sonho, é à morte que o último ponto na carteira de motorista estaria aludindo?”. Uma lembrança lhe vem bruscamente: quando criança, durante as férias escolares, sua mãe o mandava autoritariamente para acampamentos de lobinhos. Ele ficava muito triste, chorava continuamente durante os dez dias de duração porque os maiores não paravam de tirar sarro dele com o pretexto de que ele queria saber tudo. Observo que “dez dias” é precisamente o tempo da nossa separação. “Teria ele pensado nos lobinhos e em sua mãe ao pensar em mim e na nossa separação?” Ele recobra a postura irônica que tanto o caracteriza: “O senhor sabe”, retorque, “não quero tirar sarro, mas não pensei no senhor nem um instante durante essas férias”. Observo que a mesma ideia de “tirar sarro” se repete dos lobinhos a mim. Outra lembrança lhe ocorre: pouco antes da morte do filho, abriu-se com a sua mulher e com a sua amiga a respeito da sua inquietude, julgando-o franzino, inexpressivo. Peremptórias, tiraram sarro dele: “Você quer saber tudo, você não sabe de nada...”. Ele começa a chorar.

Assim, enquanto o analista aproxima as analogias que o discurso repete e dispersa durante a sessão, surgem, nas palavras do analisando, pensamentos desconhecidos ou lembranças perdidas. Essas analogias são *Witze* que trabalham para frustrar uma censura na qual a interpretação colocará definitivamente um fim. O interesse desse procedimento de interpretação – além do ganho de consciência e a recolocação em movimento do trabalho psíquico – reside na abertura do sujeito para algo que chamo de “esperança”. A abertura da fala para uma língua que já estava lá, mas que permanecia desabitada, como que morta.

Além da sua função de enunciação, a fala se mostra portadora de um poder de discernir as razões obscuras que animam seu discurso. Jogando com as palavras “tirar sarro” ou “duas mulheres” ou “dez dias”, tão triviais e insignificantes em sua primeira ocorrência, o falante se abre para a verdade do seu ser e da sua história. A esperança é a confiança reencontrada na palavra, esse órgão de percepção do *Innern*, como escreve Hölderlin – da interioridade psíquica. Ela é o afeto que testemunha que a língua foi concedida ao seu locutor e está a salvo. E a análise abre para essa esperança, recen-
trando o interesse do paciente no discurso que se produz ali, tanto quanto na relação que ele instaura com o analista.

Apoiando-se num interesse vivo e constante pela fala e pelos recursos que ela disponibiliza no tratamento – por ser, entre outras, “leitora” do acontecimento psíquico inconsciente –, a esperança vincula-se ao que Freud chamava de “amor à verdade”, *Wahrheitsliebe*. Ele creditava essa qualidade a admirados escritores, como Romain Rolland e Arthur Schnitzler, e reconhecia que ele próprio devia a isso a força para descobrir o inconsciente. A psicanálise e a psicoterapia são terapêuticas da esperança; elas desvelam as razões objetivas que fundamentam a infelicidade humana e que escapam à consciência do sujeito. Elas não são terapêuticas paliativas.

Um analista se submete a dois exercícios solidários: ele analisa pacientes e lê Freud. A leitura de Freud é imperativamente convocada pela prática analítica e esta última só é possibilitada a partir dessa leitura. A referência do analista a Freud não é, contudo, da ordem da autoridade ou do assujeitamento. O texto freudiano não é o lugar de uma revelação doutrinária, mas de uma inspiração.

O analista lê Freud porque, pela sua obra, este lançou as bases de uma língua da análise. Apropriando-se disso, o analista aprende a perceber a realidade específica que só ela está em condições de designar. A língua do “homem Freud” tornou-se a língua do inconsciente. Entrar numa língua é penetrar o mundo que suas palavras delimitam. É exatamente o que se passa com a criança quando ela se familiariza com as sonoridades escutadas e ali identifica, então, as realidades, mais ou menos obscuras ou aterradoras, às quais elas fazem referência: “Mamãe, o que é morrer?”. A diferença é que aquele ou aquela que transmite essa língua pode carecer de liberdade frente às significações que as palavras transportam: “Dessas coisas não se fala, meu querido”. O aprendizado da língua materna consiste, assim, a partir de uma música imediatamente acessível pela simples imitação, em identificar a coisa designada, em articulá-la como significação, e também em reconhecer ali interdições de falar – logo, de pensar. A língua materna é a língua *e* seu inconsciente.

O texto freudiano vale pela língua que desfralda, ao menos tanto quanto pelo *corpus* teórico que contém. Freud nomeou uma plethora de fatos psíquicos sem que detivesse os meios de precisar seu conteúdo. O conceito de identificação, por exemplo, representa uma abertura vertiginosa para a natureza do eu; mas a palavra, por si só, não nos esclarece quanto às operações que a constituem. É evidentemente o exercício do tratamento que nos informará sobre

elas. A leitura de Freud concede a língua da análise; a prática analítica ou psicoterápica, o seu conteúdo.

Quando um paciente está engajado numa psicoterapia ou numa análise, as dificuldades que o conduziram até ali tendem regularmente a desaparecer. Essa melhora sintomática não é uma cura. Simplesmente os sintomas perdem seu “realismo”: o paciente não se identifica mais com as suas obsessões, trata-as como corpos estranhos, não mobiliza mais contra elas os custosos contrainvestimentos que absorviam o grosso da sua energia e obscureciam seu campo de consciência.

Isso não é verdade no que concerne à análise do paciente psicótico, para o qual o processo analítico não chega, por um bom tempo, a encetar o realismo do seu sintoma. Determinado trabalho analítico pode se dar, mas a produção psicótica permanece impermeável a ele. Frequentemente é depois de vários anos de tratamento que a psicose entra no processo psicoterápico e que sofre a mesma derrelição, a qual tampouco é uma cura.

Essa derrelição sintomática é o efeito da instalação da transferência. Por seu intermédio, o paciente está agora “doente” da sua análise e não mais dos seus sintomas: ele vem compulsivamente às suas sessões, dedica ao seu tratamento o grosso dos seus investimentos. Da resolução dessa neurose de transferência dependerá, mais tarde, a sua cura. O pensamento psicanalítico está familiarizado, agora, com esses dados processuais. Mas o que permanece menos familiar para ele é o fato de que essa derrelição sintomática provém, antes de mais nada, daquilo que o paciente se pôs a falar: o sintoma foi substituído por um discurso analítico. Há aí uma estranheza que impõe as seguintes perguntas: de onde a fala na análise tira esse poder transformador? O que caracteriza o discurso analítico?

Certamente não é o seu conteúdo, pois cada um aborda o tratamento singularmente com a sua história, suas preocupações, suas ficções e sua organização semântica própria. A confidencialidade inerente ao enquadro analítico suscita, é claro, relatos de vida que calaríamos até mesmo às pessoas próximas. Mas, para a fala associativa, os acontecimentos da história pessoal são, antes de mais nada, “motes”, pretextos para o trabalho metafórico pelo qual a enunciação conecta as formações do inconsciente. Da mesma maneira que, para Cézanne, o mote objetivo do Santa Vitória² serve de suporte para uma representação estética, o discurso analítico é, quanto ao seu conteúdo, um discurso ordinário que se alimenta das fontes banais da vida do locutor.

Seria o endereçamento, então, que caracterizaria o discurso analítico? Decerto, ele é um discurso endereçado pelo analisando ao analista e, por meio dele, às imagens inconscientes que transferencialmente ele suporta. Mas o discurso não se comporta aqui diferentemente do sintoma, do ato falho, do gesto compulsivo dos quais o interlocutor clandestino – ao qual ele está, enquanto mensagem, inconscientemente destinado – descobre, cedo ou tarde, o desligamento analítico.

Essa moça, quando vou chamá-la na sala de espera, carrega um semblante sombrio e fechado. Depois de ter se reclinado, fica silenciosa por muito tempo; daí, fala da iniciativa que se impôs brutalmente a ela e continua lhe sendo estranha: ela propôs ao filho, de aniversário, convidar os avós paternos. Ora, ela tem horror a eles; ela tem medo deles. Um longo silêncio se instala de novo. Daí acrescenta que, no dia seguinte a

2 Ao longo da vida, Cézanne pintou mais de oitenta vezes o Monte de Santa Vitória, situado próximo a Aix-en-Provence (França), sua cidade natal. [N.T.]

esse aniversário, será o aniversário da morte de seu pai. Ligo esses dois fatos e digo que foi pensando no pai dela, e como que em lugar dele, que ela convidou os sogros. Ela afirma, então, que, bem agora, subindo as escadas, lhe veio a ideia amarga de que seu pai não chegou a conhecer seu filho, e também o lamento de que não a viu cuidando dele como a havia visto cuidando da filha.

Essa espécie de “ato falho” revela-se também “endereçado”, então. Endereçado a um pai morto, mas melancolicamente conservado. No final dessa sessão, espantou-se com ter falado tanto, ao passo que, enquanto subia a escada, achava que não teria nada a dizer; sentia-se vazia. Um vazio que era a dramatização, deslocada para o ato de fala, do vazio objetual deixado por essa perda.

O que caracterizaria, especificamente, o discurso analítico seria a nova relação que ele organiza entre *enunciação* e *enunciado*: os motes que alimentam o discurso do analisando, os temas retidos por ele, na massa profusa das realidades recentemente atravessadas e que lhe servem de esqueleto narrativo, perdem rapidamente o interesse. Seus conteúdos tornam-se contingentes, secundários; o paciente os altera ao sabor de suas associações, como se só estivessem ali como trama da atividade de fala. O analisando se desinteressa por aquilo que ele diz e investe, em si, a sua fala como lugar de uma urgência vital, fonte de terror ou de prazer.

Esse desinvestimento do significado é bastante comparável ao desinvestimento do sintoma e compete, sem dúvida, ao mesmo mecanismo. Ele tem, como contrapartida, um superinvestimento do significante. O analisando se transporta inteiramente para a sua fala, a qual representa, dali em diante, o esboço da sua realidade. Ele “se escuta” não por condescendência narcísica, mas porque,

nessa relação segunda que mantém com a sua língua, ele “se vê ser”. Decerto, esse desdobramento da função da fala – que faz com que ela se faça, paradoxal e simultaneamente, ato de enunciação e ato de leitura dos enunciados por ela produzidos – só se instala lenta e tardiamente no analisando. Até certo ponto, durante um período, ele confia o seu exercício ao analista. Mas essa necessidade de ser escutado, de se escutar, no que se refere às mensagens inconscientes trazidas pelo seu discurso, é essencial para ele; ela predomina sobre o seu desejo de receber interpretações que são recebidas, por muito tempo, como um testemunho da forma que ele é “acolhido” pelo analista.

Do desinvestimento do significado e do superinvestimento do significante resulta uma transformação da sintaxe do discurso: o paciente fala, primeiro, de um acontecimento externo, o qual ele relata literalmente – como faria com qualquer um –; daí, lhe vem a lembrança de um sonho que ele conta, a não ser que ele o ressonhe – o que só poderia fazer com um parceiro amoroso –; em seguida, lhe vem um *Einfall*, um pensamento incidente, desses que pertencem apenas ao discurso interno e que exigem que ele os expresse assim, à viva voz. Então, ocorre eventualmente uma antiga lembrança de infância, manifestando toda a espontaneidade e a inocência daquela época: “A fúria da mamãe quando me viu lambuzado de doce!”.

O discurso analítico usa todos os estilos e todas as retóricas. É ora friamente narrativo, ora teatral, trágico, cômico ou reflexivo; mistura os tempos – o mesmo acontecimento, contado no passado, é revivido no presente –; estende as designações próprias a um mesmo objeto: a menção formal “meu marido” é substituída pela familiaridade do primeiro nome. Contrariamente ao discurso ordinário, centrado numa representação-fim e que segue linearmente, o discurso analítico entrecruza uma pletera de cenas ou o

mesmo acontecimento psíquico se repete em variadas versões; é um discurso estratificado, redundante, polissêmico, polifônico. O que se chama de “associação livre” não se desfralda somente na superfície do discurso, em sua horizontalidade – encadeando, segundo uma lógica implacável, pensamentos que não mantêm nenhum laço racional entre si. Ela também se banha nas profundezas da língua, nos idiomas infantis de diferentes épocas que ali se depositaram. É, aliás, a essa profusão *dos discursos no* discurso analítico que a interpretação analógica deve sua eficácia.

Essa transformação do discurso que instaura o processo analítico, e que vem em lugar da neurose manifesta, é justamente o que não se produz nas análises ou psicoterapias ditas “difíceis”. Essas das quais se diz que “elas não andam”. Esses aparentes fracassos da nossa prática podem ser encarados de dois ângulos bem diferentes. Primeiro, como análises improdutivas, no que se refere a seus efeitos terapêuticos. O paciente tende a dramatizar esse aspecto: “o tratamento não está lhe trazendo nada; o analista não o compreende, ele não diz o que seria preciso”. Nem a confiança, nem a esperança, faz com que ele se atenha à sua análise – tampouco à sua fala, aliás.

Mas a dificuldade pode ser apreendida de outro ponto de vista: esses tratamentos são “improdutivos” no que se refere à mudança discursiva que se está em direito de esperar de um processo analítico. Não é tanto o sofrimento vivido, ou os sintomas, que não mudam, é a relação de proximidade e de condescendência que o sujeito mantém com os traumas da sua história, relação que reflete perfeitamente o seu modo de enunciação: o discurso, nesses casos, “cola”, adere aos acontecimentos que ele relata; ele os reproduz mais do que os representa. O discurso não sobrepuja o seu mote; o sujeito está inteiro no que ele diz; ele está assujeitado ao conteúdo da sua narração. A desesperança – e pode-se qualificar essas análises

como desesperançosas – é isto: o rebatimento da enunciação sobre o enunciado, da palavra sobre a coisa.

Essas análises difíceis são do foro de que causas? A primeira, do analista e da qualidade da sua escuta que inicia o desenvolvimento do processo discursivo e que seria bastante bem definida por aquilo que Freud chamou de “atenção uniformemente suspensa”.³ O analista aprende a se desinteressar pelo conteúdo narrativo do discurso. Ele se coloca, assim, na posição do analisando cuja fala só trabalha metaforizando, em suas palavras, as representações inconscientes. A suspensão uniforme é isso. Ele deixa a sua atenção flutuar sobre as turbulências que certos jogos associativos e analogias constituem, porque ali se assinala – como silhuetas recortadas pelo procedimento da sombra chinesa – a emergência de figuras vindo das profundezas da memória inconsciente. A escuta analítica é, portanto, uma escuta que não tem condescendência com a familiaridade manifesta – e sedutora – da fala narrativa. Ela se recusa a discernir, na língua escutada, outra coisa além da sua função de “significar” as moções inconscientes que, por meio dessa, obstinam-se a vir à tona.

O conceito de “significante”, oriundo da linguística saussuriana e importado para a teoria psicanalítica por Jacques Lacan, designa, com uma clara adequação, o poder que certas unidades semânticas – palavras, morfemas ou fonemas – têm de se referir indiretamente a significados que seu estado inconsciente condenaria, naturalmente, a permanecer foracluídos. Pode-se aproximar essa operação significante própria ao discurso analítico do trabalho da escrita poética: é assim que Jean Starobinski, em A

3 André Bourguignon, Pierre Cotet, Jean Laplanche, François Robert, “Traduire Freud”. In *Œuvres complètes de Freud*, Presses Universitaires de France, 1989, p. 148, 149.

melancolia diante do espelho,⁴ descreve o alcance da palavra “cygne” [cisne] no poema de Baudelaire:

A partir da personificação do animal, este, “mito estranho e fatal”, atinge definitivamente o estatuto da alegoria. Ele figura a perda, a separação, a privação, a vã impaciência. A nostalgia que lhe faz ter saudade do seu “lago natal” supõe uma lacuna intransponível; esta não deixa de ter analogia com a lacuna que, na alegoria, se instaura entre a imagem “concreta” significante e a entidade “abstrata” significada: daí a tentação de ler conjuntamente cisne [cygne] e signo [signe]...

Essa escuta ascética, frustrante, é paradoxalmente da ordem de uma real benevolência. Ao contrário da conversação mundana – que não exclui os efeitos de sedução, de poder ou de esquiva da fala –, a escuta analítica retém desta apenas o que constitui seu fundamento e sua razão psíquica: ser, aos modos de um órgão sensorial para a realidade externa, *a ferramenta perceptiva da realidade inconsciente*. Empatia demais, da parte do analista, pelo sofrimento subjetivo; curiosidade demais pela história factual; preocupação demais com a meta da cura ou interesse demais por uma abordagem formal da psicopatologia tendem a abolir esse poder que a escuta tem de ser a iniciadora de um processo. Reconhece-se aí o problema da contra-transferência, que é da ordem da relação do analista com a sua própria análise e não admite desenvolvimento teórico.

No entanto, a análise difícil existe objetivamente; cada um de nós é confrontado a isso, seja qual for a nossa experiência, o

4 Jean Starobinski, “La mélancolie au miroir”. In *Conférences, essais et leçons du Collège de France*, Julliard, 1989, p. 73.

nosso talento, a liberdade da nossa contratransferência. Não vamos nos queixar, pois são essas situações que justamente nos põem para trabalhar, nos compelem a reinterrogar a doutrina, a retestar a teoria, a modificar as nossas construções. Elas parecem, à primeira vista, mais com certas estruturas psicopatológicas; mas há pouco interesse e muitos inconvenientes em rebaixar a questão da análise difícil à do “psicopatológico”, porque este aborda o psíquico objetivamente e privilegia a *estrutura*, e aquela o aborda de dentro e privilegia a *fala* – que é portadora do mesmo poder ou é lastreada com a mesma impotência frente à normalidade e ao patológico. Aliás, as análises difíceis afetam todas as estruturas, quiçá até mesmo todas as análises, num momento do seu desenvolvimento.

Esse conceito de análise difícil foi desenvolvido por Pierre Fédida.⁵ O autor não perde de vista que a palavra importante nessa designação é “análise”, no sentido literal que Freud lhe dava, de um trabalho de desligamento, de decomposição das formações do inconsciente *através* de um desligamento e de uma decomposição das figuras do discurso. O que caracteriza precisamente essas análises difíceis, mais que o empenho que elas nos custam e o desconforto em que colocam o paciente, é que nelas não se produz um processo de descondensação da língua.

“Além do princípio do prazer” leva Freud a ver o modelo elementar do aparelho psíquico “na forma [...] de uma vesícula indiferenciada de substância excitável. Sua superfície voltada para o mundo externo será diferenciada por sua própria situação e servirá

5 Pierre Fédida, “Contre-transfert, crise et métaphore: une psychanalyse est une psychothérapie compliquée”, *Revue Française de Psychanalyse*, 55(2), pp. 339-363, 1991.

de órgão receptor de excitação”.⁶ A metáfora é surpreendente, ainda que sua significação nos escape de primeira. Para o seu autor, ela é uma construção do espírito visando elaborar o trabalho de exploração das camadas profundas do espírito: “Tais representações”, escreve ele num outro texto, “pertencem à superestrutura especulativa da psicanálise, e cada parte pode ser, sem dano nem pesar, sacrificada ou substituída por outra, tão logo sua insuficiência seja demonstrada”.⁷

A substância e a casca. Não excluamos que Freud desejava, assim, se reapoderar das relações particularmente obscuras que a substância psíquica mantém com a sua superfície linguística. A língua é, primeiro, um sistema de signos que comanda as relações do sujeito com a sua realidade. Ela inclui, no seu invólucro, um fragmento do “real” que ela erige, assim, à condição de substância psíquica. Ela exclui outros, que, dali em diante, serão seu mundo exterior. O inconsciente faz parte desse mundo exterior, o que implicaria “estar carregado das mais fortes energias” e que faria com que “esse pedacinho de substância viva – o eu – sucumbisse sob o jugo das excitações que dele provêm caso não fosse provido de uma para-excitação”. O recalcado, que a língua, como “uma membrana especial, inorgânica” conserva fora do eu, revela-se como o não enunciável – a coisa reduzida ao seu silêncio, à sua negatividade.

Também cumpre precisar que aquilo a que nos referimos aqui não é a língua tal como se apresenta imediatamente no discurso, seja ele ordinário, científico, literário ou poético. Há múltiplos níveis da língua e múltiplas funções: as propriedades que concedem à língua a sua função psíquica pertencem a um registro estrutural, mais perceptivo que comunicativo, mais econômico que signifi-

6 Sigmund Freud, “Au-delà du principe de plaisir”. In *Essais de psychanalyse*, “Petite Bibliothèque Payot”, 1981, p. 67.

7 Sigmund Freud, *Sur la psychanalyse*, Coll. “Folio”, Gallimard, 1991.

cante. E, sem dúvida, por isso mesmo, ela escapa ao livre arbítrio: ela é do foro de um determinismo tão potente quanto o que se atribui ao sonho. A função psíquica ou psiquisante da língua obedece a leis que cumpre estudarmos; é do conhecimento dessas leis que dependerá o nosso poder de modificar as condições da sua produção. Ali reside a esperança para a modernidade analítica.

As análises difíceis concernem, então, a pacientes presos num sofrimento cujo relato satura o discurso, torna-o repetitivo, queixoso, monossêmico, fixa-o na sua atualidade, o reproduz em ato. Mas por que razões uma ruptura sentimental, um luto, são para o sujeito circunstâncias traumáticas? É que todo acontecimento de que se é vítima faz-se lembrar por analogia e reanima acontecimentos passados, recalcados, não liquidados; ele faz com que as suas emoções revivam, reencarna as suas figuras. A carga traumática da factualidade deve-se a essa particularidade do funcionamento psíquico que faz com que – uma vez que a sua violência ultrapasse a capacidade protetora da membrana – a sua percepção se acompanhe de uma rememoração. A ponto de o acontecimento novo só ser reconhecido, em sua realidade própria, depois de a memória reativada do acontecimento antigo ter sido abolida. A atualidade serve, ulteriormente, de suporte para a repetição. É assim que se constitui uma substância psíquica: a representação nasce da percepção – por somatória – de dois acontecimentos reais, análogos em conteúdo, separados quanto à cronologia. É essa também, sem dúvida, a condição requerida para que um acontecimento atual entre no relato analítico. Eis aqui um exemplo disso:

Durante a sua análise e sem que nada o deixasse prever, essa mulher se viu brutalmente separada do marido. Por muito tempo ficou bastante deprimida com isso. Naquele dia, quando vou chamá-la na sala de

espera, noto uma mudança: recobrou a elegância de outrora. Fala novamente com alegria pela primeira vez; ela está melhor, diz, e vai logo contando um incidente engraçado: na véspera, numa reunião, os participantes deviam se apresentar uns aos outros. Quando chegou a sua vez de declinar seu sobrenome, deu um “branco”: foi impossível, ao longo de vários minutos, lembrar-se dele. A assistência ri disso, também ela; ela ri de novo, no divã. Acrescenta que não está em questão para ela renunciar ao nome de casada, assim como não está em questão voltar a usar o sobrenome do pai (que morreu faz tempo) em razão do fato de que outra pessoa o carrega, a sua mãe – com a qual ela tem, sempre teve, dificuldades. Digo que “é pensando também no seu pai, o esquecimento do sobrenome”. O humor depressivo retorna a galope; ela chora e diz: “Mas como eu amava esse cara!”. A expressão “esse cara” é habilmente indeterminada. Ninguém duvida que no contexto atual ela faça referência ao esposo, mas ela não exclui um outro titular, o pai. Ela se cala, depois compreende repentinamente a significação de um incidente ocorrido alguns meses antes. Era férias (também da análise) e ela teve repentinamente a necessidade de visitar velhos amigos para desabafar com eles a respeito das suas infelicidades conjugais. Porém, não foi do marido que ela falou, mas, muito rapidamente, do pai; e isso em termos violentos: das suas condutas suicidas – que acabaram por levá-lo – ao menosprezo pelo cuidado, que deveria ter sido o dele, de protegê-la.

Nessa análise que “anda”, a fala analítica trabalha naturalmente, espontaneamente, arrancando do relato a memória que o adoece; desconectando, do atual, o rastro dos acontecimentos passados que ali foram atuados. É o que não encontra lugar nas análises difíceis: o relato permanece fixado ao *presente* temporal e confere *presença* à experiência que o anima. Vejamos aí o destino ao qual sucumbe a fala sob o efeito da “compulsão à repetição”. Freud chama sua manifestação de *gegenwärtiges Erlebnis*, “experiência vivida no presente”, e a opõe à rememoração, *Erinnerung*. Ali, a fala é assujeitada à revivência do acontecimento psíquico; aqui, recobrando seu poder de abstração, ela o desvincula. A análise difícil nos compele a reunir esses dois destinos extremos da fala entre *fala atuada* e *fala abstrata*:

*O médico é forçado a deixar reviver no paciente certo fragmento de sua vida esquecida, mas deve zelar para que o doente conserve certa capacidade de sobrepujamento [Überlegenheit] da situação, que lhe permitirá, apesar do que for, reconhecer, naquilo que aparece como realidade, o reflexo renovado do passado esquecido.*⁸

Überlegenheit designa a superioridade, no sentido do controle: superioridade da fala sobre o real e o seu controle. Mas a tradução por “sobrepujamento” é bastante bem-vinda, pois ela coloca essa superioridade na ordem de uma certa transcendência: a fala, quando inspirada pelo processo analítico, de fato sobrevoa o acontecimento; ela discerne seu caráter compósito; ela liberta sua dimensão metafórica. A fala, na análise, mais *lê* do que *diz* a experiência.

Ela é uma fala rememorante, uma *Erinnerung*. Não no sentido em que faz surgir – graças ao seu desenrolar e de forma incidente –

8 Sigmund Freud, “Au-delà du principe de plaisir”. In *Essais de psychanalyse*, “Petite Bibliothèque Payot”, 1981, pp. 57-58.

lembranças, mas porque é movimento, avanço na língua, investimento das cadeias significantes religando o acontecimento atual ao antigo e restabelecendo a ordem das representações e das cargas afetivas. No último exemplo clínico, a fala deslinda uma trama discursiva de rara visibilidade: “esse cara”, verdadeiro *Knotenpunkt*, ponto de junção, garantia a orientação da cadeia significativa “marido” para a cadeia “pai”.

“Sobrepujamento” não diz apenas que a fala se eleva por sobre o acontecimento, mas que ela eleva o acontecimento por sobre a materialidade: ela o transpõe para o campo do discurso, esse lugar da sublimação. As figuras do real, as emoções, os roteiros do desejo inscrevem-se ali, onde se desenvolvem de uma outra maneira. A fala é experiência, *Erfahrung*, conceito amplamente utilizado pelos autores românticos, para quem a ficção literária não era um exercício estético, mas uma experiência vital – a mais intensa e a mais inspirada. *Erinnerung* está perto dessa *Erfahrung* romântica à qual Freud estava familiarizado.

Da repetição à rememoração, do atuado à sublimação, desfralda-se a lacuna entre a análise difícil e a análise que caminha, entre a desesperança e a esperança.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

Antes de ser Aquele que Fala

Jean-Claude Rolland

ISBN: 9788521212195

Páginas: 176

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017